



**A INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA POBRE E ABANDONADA DA CIDADE DE
VITÓRIA DA CONQUISTA: MEMÓRIA, MÍDIA E REGRAS DE CONTROLE SOCIAL**

Corália Thalita Viana Almeida Leite¹
Carlos Alberto Maciel Públio²
Lívia Diana Rocha Magalhães³

INTRODUÇÃO

Os meios de comunicação vêm se revelando em poderosos veículos de articulação do conhecimento que a sociedade constrói sobre o seu meio, uma vez que transmitem visões de mundo sobre a realidade. Desse modo, tem sido cada vez mais evidente que o processo de interação da sociedade com a sua realidade é bastante dependente da conversão da notícia em verdade aceita pelo público, já que a mídia proporciona um conhecimento e valorações sobre um dado fato e as interpelações que decorrem do mesmo. Contudo, isso não é um fato novo. Embora a literatura mais recente chame a atenção para a interferência da mídia no comportamento social, poderíamos dizer que, certamente em menor alcance, o jornal impresso, principal veículo de informação no Brasil, até os anos de 1950 que, além de ser lido, era também comentado por aqueles que liam junto aos não letrados, já prenunciava sua intervenção sobre a memória da sociedade. Nessa perspectiva, podemos considerar os estudos de Boldt (2013) que analisam as interferências que a massiva fixação midiática em torno do delito vem causando sobre as instituições sociais, em especial, o sistema penal.

1 Professora Assistente Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito Milton Campos, Pós-Graduada em Direito Processual pela Faculdade Independente do Nordeste, Mestre e Doutoranda em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Grupo de pesquisa: Museu Pedagógico: a educação escolar, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Endereço eletrônico: ctvalmeida@hotmail.com

2 Professor Assistente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bacharel em Direito pela Universidade Federal da Bahia, Mestre em Ciências Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e Doutorando em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Grupo de pesquisa: Museu Pedagógico: a educação escolar, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Endereço eletrônico: carlospublio108@hotmail.com

3 Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu/Orientadora, Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia doutora em educação pela UNICAMP, com pós-doutorado em Psicologia Social pela UERJ e estágio na Universidad Complutense de Madri. Coordenadora Geral do Museu Pedagógico da UESB e do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da UESB. Endereço eletrônico: lrochamagalhaes@gmail.com



A forma narrativa empregada para noticiar certas condutas, principalmente da criança e do adolescente em situação de rua, tem agravado, ao longo dos anos, a sensação de insegurança na sociedade, porquanto, na imensa maioria dos casos, a notícia delitiva vem denunciando a ineficiência do poder estatal, o que faria nascer, na coletividade, a impressão de potencial exposição à violência, sobredimensionando-se a sua gravidade e frequência, muita vezes, fazendo surgir o denominado pânico moral, que é “[...] uma reação social exagerada causada pelas atividades de determinados grupos e/ou indivíduos” (MARSH; MELVILLE, 2011, p.1, tradução nossa).

Nesse contexto social, registram que nas praças, avenidas, becos, logradouros públicos são travadas lutas pelo Estado contra as populações ociosas, vítimas da exclusão social, entre elas, crianças e adolescentes, que, nos projetos arquitetônicos de cidade moderna, saneadora e ordeira, não são contemplados, ao revés, são apresentados como ameaça ao progresso. Os processos de criminalização dessa situação e de enfrentamento reclamam, no campo estatal e jurídico, uma grande variedade de leis, normas, portarias e hábitos de convivência com o objetivo único e exclusivo de regular o *modus vivendi* desses indivíduos.

As metas desse projeto de sociedade são definidas pela prevenção (afastar as pessoas pobres do ambiente de rua), educação (moldá-las para a inserção no mercado de trabalho), recuperação (reabilitá-las do vício e do ócio) e repressão (conter a delinquência e a marginalidade). O discurso que dar sustentação às ações de intervenção na vida das pessoas socialmente excluídas perpassa pela concepção de uma sociedade organizada e de salvação da criança e do adolescente inseridos nos contextos de desajuste da urbe.

Dito isso, nosso objetivo é analisar as repercussões das narrativas midiáticas de eventos tidos como “perigosos” para a população de Vitória da Conquista, praticados por crianças e adolescentes em situação de rua, denunciados pelos jornais que circularam durante o período de 1940 a 1990, exigindo da administração local ações mais efetivas, mais rigor da polícia, assim como atuação Poder Judiciário atribuído do exercício do poder punitivo do Estado.

METODOLOGIA

Para a realização do nosso estudo, selecionamos cinco importantes jornais que circularam em Vitória da Conquista (Diário do Sudoeste, O Combate, O Jornal de



Conquista, Tribuna do Café e Jornal do Sudoeste) nos anos compreendidos entre 1940 e 1990, buscando analisar saber por meio de reportagens como o sentimento moderno de infância, engendrado internacionalmente e adotado nacionalmente como proposta de um projeto civilizatório para o Brasil, alcançou a cidade de Vitória da Conquista, a ponto de influenciar os métodos de controle social elaborados pelos poderes locais para crianças e adolescentes pobres em situação de rua.

Nessa perspectiva, examinamos como o processo de controle social e legal de crianças e adolescentes foi sendo moldado, em Vitória da Conquista, a partir de interesses e expectativas sociais fomentadas pela mídia jornalística impressa, a partir de 1940, conforme apontaram as fontes manuseadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tomando as referências dos quadros sociais da memória de Halbwachs (2004) que se baseia na ideia de que há um “sistema de representação” que garante a memória de uma sociedade, diríamos que as notícias jornalísticas apreendem as noções de cristandade, caridade, desvios sociais e perigo e responsabilidade social que circunda a construção da memória social, individual, coletiva em sua dialética.

Por meio das matérias em jornais locais, encontramos relatos informativos de que as crianças e o adolescentes em situação de rua são perigosos, constituindo-se uma memória social na população conquistense, nas décadas compreendidas entre 1940 a 1990, cuja construção teve como referência um quadro de anomia provocado pelos indivíduos, pela pobreza e/ou fatores de outra natureza humana genérica, de pecado, de interpeleção humanitária que deve ser socorrido pela filantropia da pública e privada, com o efeito de produzir o sentimento de piedade e cristandade, com o fito de clamor para a implantação de diversas instituições e ações social voltadas para o controle social das crianças e adolescentes em situação de rua, como a Escola de Menores, para as crianças e adolescentes envolvidos com os atos infracionais e o Lar Santa Catarina de Sena, para as meninas abandonas.

Em 20 de outubro de 1943, por exemplo, o jornal *O Combate* publicou matéria em que denunciava a presença de mendigos e delinquentes no centro da cidade e enfatizou a necessidade de métodos de controle social.



Aos menores qualificados, deve vir também a correção a vadiagem, à malandrice dessa garotada sem freio que enchem as praças públicas, especialmente, a praça 09 de Novembro, onde dão ao visitante da nossa terra uma triste impressão. Esses pequenos vagabundos precisam também ser contemplados. Não podem ser esquecidos, para o bem deles e do meio social em que vivem (O COMBATE, 1943, s.p.).

Os fatos citados no fragmento retirado do jornal *O Combate* revelam as ambiguidades de uma cidade em processo de desenvolvimento, mas que, aos olhos dos visitantes, poderia parecer perigosa ou desestimulante para permanecer. O texto jornalístico, também, já apresenta clamor por uma política social de ajustamento, principalmente, para reprimir as ações das crianças e adolescentes que viviam pelas cidades praticando pequenos furtos.

Encontramos nas fontes manuseadas, na década de 40, indícios do sentimento moderno de infância e de adolescência quando Vitória da Conquista passava por transformações sociais, econômicas e políticas, e as fontes selecionadas se pronunciaram acerca do assunto. Encontramos ações construídas por filantropos, especialmente médicos, advogados, comerciantes e senhoras da elite conquistense.

Já nos finais dos anos 80 e início dos anos 90, as reações sociais são redirecionadas, possivelmente também acionadas por outras memórias agora de caráter propriamente mediático, característico de nosso tempo, por seus diversos meios, jornalístico falado e escrito, principalmente televisivo, permitiu que os métodos de controle social de crianças e adolescentes tradicionalmente desenhados fossem contestados pelos movimentos sociais, que se mobilizavam por demandas em torno de direitos à cidadania, expressando os valores de liberdade, dignidade e direito a ter direitos, instruindo formas inéditas de ações de mobilização social.

A TÍTULO DE CONCLUSÃO

Ao trazer à tona determinadas versões propagadas sobre a criança e o adolescente no município de Vitória da Conquista, Bahia, no período de 1940 a 1990, por meio de jornais escritos, a chamada mídia já impulsionava setores da sociedade para a constituição de ideias, concepções e valores que permeiam o seu interior e que são demarcações de memórias que, uma vez transvertidas de emancipatórias, colaboraram e ainda colaboram para reforçar mais situações de exclusão social do que a independência de grupos aliados



dos seus direitos humanos fundamentais. Memória que reforça ainda mais a condição desses indivíduos como excluídos socialmente e revalida as práticas ostensivas propagadas pelo Estado de resguardar a sociedade da presença incômoda desses indivíduos.

Assim, neste contexto, temos em conta que a os meios de comunicação tem se valido da memória social unívoca construída e reafirmada ao longo dos anos – do passado ao presente - de que crianças e adolescentes pobres em situação de rua são perigosos e que necessitam de regras cada vez mais dura de controle social.

REFERÊNCIAS

BOLDT, Raphael. **Criminologia Midiática: Do Discurso Punitivo à corrosão simbólica do Garantismo**. Curitiba: Juruá, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

_____. **Los Marcos Sociales de la Memoria**. Barcelona: Rubí; Concepción: Universidad de la Concepción; Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2004.

LEITE, Corália Thalita Viana Almeida. **Memória, Mídia e Pensamento Criminológico: enfoque em casos brasileiros (1988-2016)**. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. Tese (doutorado). Vitória da Conquista, Bahia, 2013.

MARSH, Ian; Gaynor, MELVILLE. **Moral Panics and the BritishMedia – A Look at some contemporary 'Folk Devils'**. In: Internet Journal of Criminology, Nottingham, England: New University Press. 2011.

O COMBATE, 20 out. 1943. (Arquivado no Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista, Bahia).

PÚBLIO, Carlos Alberto Maciel. **Memória social e coletiva da institucionalização de crianças e adolescentes no município de Vitória da Conquista, Bahia, e seus reflexos na Casa de Acolhimento (1997 a 2015)**. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. Tese (doutorado). Vitória da Conquista, Bahia, 2016.

RIZZINI, Irene; RIZZINI, Irma. **A institucionalização de crianças no Brasil: percurso histórico e desafios do presente**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.